

DAVID E. HOFFMAN

O ESPIÃO DE
UM BILIÃO
DE DÓLARES

Tradução de
Paulo Mendes

alma
dos
livros

Para a Carole

ÍNDICE

Mapa	10
Prólogo	13
1. Entre a vastidão	17
2. O posto de Moscovo	41
3. Um homem chamado SPHERE	53
4. «Finalmente, consigo contactá-lo»	67
5. «Um dissidente por natureza»	85
6. Seis dígitos	97
7. Máquina fotográfica de espionagem	107
8. Benesses e contratemplos	117
9. O espião de um bilião de dólares	141
10. Utopia em fuga	149
11. A negro	167
12. Dispositivos e desejos	179
13. Atormentado pelo passado	195
14. «Tudo é perigoso»	213
15. Não ser apanhado vivo	237
16. Sementes de traição	247
17. Derrota	257
18. Vendido	267
19. De forma inesperada	273
20. Em fuga	283
21. «Em prol da liberdade»	291

Epílogo	295
Nota sobre os dados de espionagem	305
Agradecimentos	311
Notas	315

«Tudo o que fazemos é perigoso.»

Adolf Tolkachev, dito ao seu agente de ligação da CIA

11 de outubro de 1984

MOSCOVO DE TOLKACHEV

1977–1985



Phazotron,
local de trabalho
de Tolkachev

Estação de serviço
em Krasina Ulitsa,
local da abordagem
de 1977

Caminho que
Tolkachev percorria
a pé entre casa
e o trabalho

Jardim Zoológico
de Moscovo, onde
Tolkachev se
encontrou com a
CIA em dezembro
de 1980

Local do encontro
de 10 de novembro
de 1981

Cabine
telefónica da
primeira *dead
drop*, 1978

Casa de
Tolkachev
(torre de
apartamentos)

Percurso da
corrida matinal
de Tolkachev
(à volta da
embaixada)

Embaixada dos EUA
e posto da CIA em Moscovo

Tolkachev entrega
pacote à CIA em
março de 1978



300 0 900 feet
0 300 meters

CRONOLOGIA

12 de janeiro, 1977
Adolf Tolkachev aborda um agente da CIA numa estação de serviço

Fevereiro-maio, 1977
Tolkachev realiza mais três tentativas

1 de março, 1978
Tolkachev identifica-se em nota à CIA

5 de março, 1978
Agente da CIA telefona a Tolkachev do Teatro Bolshoi

24 de agosto, 1978
Primeira *dead drop* da CIA

1 de janeiro, 1979
Tolkachev encontra-se com a CIA pela primeira vez

17 de fevereiro, 1979
A CIA realiza uma *dead drop* que inclui máquina fotográfica

4 de abril, 1979
Tolkachev entrega rolo fotográfico e longa carta à CIA

6 de junho, 1979
Rolo fotográfico e notas entregues à CIA em reunião

15 de outubro, 1979
Tolkachev encontra-se com a CIA, quer comprimido de suicídio

27 de dezembro, 1979
Tolkachev entrega artigos eletrônicos à CIA, recebe 150 mil rublos

11 de fevereiro, 1980
Tolkachev encontra-se com a CIA, comprimido de suicídio recusado

17 de junho, 1980
Tolkachev entrega 179 rolos fotográficos à CIA

Julho, 1980
A Força Aérea dos EUA declara que os dados valem dois mil milhões de dólares

14 de outubro, 1980
Tolkachev encontra-se com a CIA, quer música do Ocidente para o filho

9 de dezembro, 1980
A CIA reconsidera, entrega comprimido de suicídio a Tolkachev

10 de março, 1981
A CIA entrega dispositivo Discus a Tolkachev

10 de novembro, 1981
Encontro de Tolkachev com a CIA em automóvel

8 de dezembro, 1981
Tolkachev ajuda a CIA a falsificar o passe de acesso ao edifício

15 de fevereiro, 1982
Tolkachev entrega placa de circuitos à CIA

24 de maio, 1982
A CIA entrega lâminas de barbear e *walkman* a Tolkachev

7 de dezembro, 1982
Agente da CIA utiliza *Jack-in-the-Box* para fugir ao KGB, encontra-se com Tolkachev

16 de março, 1983
Tolkachev pede livros de Soljenítsin e outros autores

23 de abril, 1983
Tolkachev rejeita plano de exfiltração da CIA

26-27 de abril, 1983
Com receio de ser descoberto, Tolkachev destrói materiais da CIA

16 de novembro, 1983
Tolkachev dá conta de receio de segurança à CIA

19 de abril, 1984
Tolkachev encontra-se com a CIA, declara que tudo está sossegado

11 de outubro, 1984
Tolkachev refere que os documentos são fotografados em compartimento de WC

18 de janeiro, 1985
Encontro de Tolkachev com a CIA, fotos ilegíveis

13 de junho, 1985
Agente da CIA detido a caminho de encontro com Tolkachev



Prólogo

O espião desaparecera. Era o agente mais bem-sucedido e precioso que os Estados Unidos haviam mantido na União Soviética nas últimas duas décadas. Os seus documentos e desenhos tinham revelado os segredos do radar soviético e planos confidenciais da investigação de sistemas de armamento para a década seguinte. Correria enormes riscos para retirar furtivamente placas de circuitos e planos do seu laboratório militar, entregando-os à CIA. A sua espionagem colocou os Estados Unidos em posição de dominar os céus no combate aéreo e confirmou a vulnerabilidade das defesas aéreas soviéticas – os mísseis de cruzeiro e bombardeiros norte-americanos podiam voar sem serem detetados pelos radares.

Em finais do outono e inícios do inverno de 1982, a CIA perdeu o contacto com ele. Não compareceu a cinco encontros agendados. Passaram-se meses. Em outubro, uma tentativa de encontro fracassou devido à intensa vigilância do KGB na rua. Nem os agentes de «dissimulação profunda» da CIA no posto de Moscovo, invisíveis para o KGB, conseguiam chegar ao espião. No dia 24 de novembro, um agente de dissimulação profunda, ligeiramente disfarçado, conseguiu ligar para o apartamento do espião a partir de um telefone público, mas a chamada foi atendida por outra pessoa. O agente desligou.

Na noite de 7 de dezembro, a data do encontro seguinte, o futuro da operação foi colocado nas mãos de Bill Plunkert. Após um período em que fora aviador da marinha, Plunkert alistara-se na CIA e treinara como agente de operações clandestinas. Tinha entre trinta e quarenta anos, media quase um metro e noventa e chegara ao posto de Moscovo no verão para realizar uma comissão em que seria o responsável por esse espião. Estudou os ficheiros, analisou mapas e fotografias, leu

telegramas e falou com os *case officers* (agentes responsáveis pelo recrutamento e pela gestão de espiões). Sentiu que conhecia o homem, apesar de nunca ter estado frente a frente com ele. A sua missão era esquivar-se do KGB e estabelecer contacto.

Nos dias anteriores, recorrendo às linhas de telefone locais que sabiam estar sob escuta do KGB, alguns diplomatas norte-americanos haviam agendado uma festa de aniversário para essa terça-feira à noite num apartamento. Na noite em questão, por volta da hora do jantar, quatro pessoas entraram num automóvel estacionado no parque da embaixada dos Estados Unidos, sob vigilância constante de milicianos fardados que aguardavam no exterior e informavam o KGB. Uma das pessoas transportava um grande bolo de aniversário. Quando o carro saiu da embaixada, uma mulher sentada atrás do condutor levava o bolo ao colo.

O condutor era o chefe do posto da CIA. Plunkert ia sentado ao seu lado. As mulheres iam vestidas de negro. Os quatro haviam ensaiado antecipadamente o que fariam, recorrendo a cadeiras do posto de Moscovo. O verdadeiro espetáculo estava prestes a começar.¹

A espionagem é a arte da ilusão. Nessa noite, Plunkert era o ilusionista. Sob as roupas civis trazia uma segunda camada, com vestes típicas de um russo idoso. O bolo de aniversário era falso, com uma cobertura que parecia um bolo, mas ocultava um engenho criado pelos génios das operações técnicas da CIA. Plunkert tinha esperança de que esse dispositivo lhe permitisse escapar à vigilância do KGB.

O engenho chamava-se *Jack-in-the-Box* (boneco de mola dentro de uma caixa), mais conhecido simplesmente como JIB. Ao longo dos anos, a CIA aprendera que as equipas de vigilância do KGB seguiam quase sempre um automóvel pela traseira. Raramente se colocavam ao lado. Era possível um veículo que levasse um agente da CIA, ao dobrar uma esquina ou duas, ficar momentaneamente fora da vista do KGB. Naquele breve intervalo de tempo, o agente podia saltar do carro e desaparecer. Entretanto, o *Jack-in-the-Box* saíria da caixa, um boneco de cartão que, pelos contornos, se assemelhava à cabeça e ao tronco do agente que acabava de saltar do automóvel.

Para o criar, a CIA enviara dois jovens engenheiros do Gabinete de Serviços Técnicos a uma *sex shop* sem janelas, numa zona pouco recomendável da cidade de Washington, para comprarem três bonecas

insufláveis de tamanho natural. No entanto, as bonecas ou eram difíceis de inflar ou se esvaziavam demasiado depressa. Perdiam ar. Os jovens engenheiros regressaram à loja para obter mais manequins de teste, mas os problemas persistiam. Foi então que a CIA percebeu que, dada a distância a que o KGB seguia os automóveis em Moscovo, não era necessário um boneco tridimensional no banco dianteiro, apenas uma figura bidimensional recortada. A ilusão foi bem-sucedida e assim surgiu o *Jack-in-the-Box*.²

O truque nunca havia sido utilizado em Moscovo, mas a CIA chegara a um ponto de desespero devido às semanas sucessivas sem qualquer contacto com o agente. Um perito competente em disfarces fora enviado da sede para o posto de Moscovo, de modo a ajudar com o engenho e entregar a Plunkert algum vestuário «estéril» que nunca tivesse sido usado antes, evitando assim quaisquer odores que pudessem ser seguidos pelos cães do KGB, bem como quaisquer dispositivos de localização ou escuta que pudessem estar escondidos no interior das roupas.

Enquanto o veículo serpenteava pelas ruas de Moscovo, Plunkert despiu as roupas civis americanas e colocou-as num pequeno saco do género dos que os russos costumavam transportar. Com uma máscara que lhe ocultava todo o rosto e uns óculos, estava agora disfarçado de russo idoso. A alguma distância, o KGB seguia-os. Eram sete da tarde, muito depois do anoitecer.

O carro dobrou uma esquina, ficando por breves instantes fora da vista da vigilância. O chefe do posto abrandou o veículo com o travão de mão, de modo a evitar ligar as luzes de travagem. Plunkert abriu a porta do passageiro e saltou. No mesmo instante, a mulher do chefe do posto tirou o bolo de aniversário do colo e colocou-o no assento do passageiro, onde Plunkert estivera sentado. A mulher de Plunkert debruçou-se para a frente e puxou uma alavanca.

Com uma pancada seca, o topo da caixa do bolo abriu-se e saíram de lá uma cabeça e um tronco. O automóvel acelerou.

No exterior, Plunkert dera quatro passos no passeio. Ao quinto, o veículo de perseguição do KGB dobrou a esquina.

Os faróis iluminaram um velho russo no passeio e seguiram com grande velocidade em perseguição. O veículo da CIA parecia ter quatro pessoas no interior. Com uma pequena pega, o chefe do posto movia a cabeça do *Jack-in-the-Box* para um lado e para o outro, como se estivessem à conversa.

O JIB funcionou.

Plunkert sentiu um alívio momentâneo, mas as horas seguintes seriam as mais exigentes. O agente era extremamente valioso, não só para o posto de Moscovo, como também para toda a CIA e os Estados Unidos. Plunkert tinha uma responsabilidade muito pesada. Bastava um pequeno erro para toda a operação fracassar para sempre. O espião seria executado por traição.

Ninguém na CIA conhecia o motivo do desaparecimento do espião. Estaria sob suspeita? Não era um agente profissional de espionagem – era um engenheiro. Teria cometido um descuido? Teria sido detido e interrogado, revelando a sua traição?

Sozinho, Plunkert percorreu as ruas de Moscovo a pé, um cenário frígido de gelo escorregadio e sombras escuras. Pensou que era o ambiente quase perfeito para espionagem. Costumava falar muito consigo mesmo. Era católico praticante e rezou, pequenas orações breves. Cada vez que expirava sob a máscara, os seus óculos embaciavam. Passado algum tempo, tirou a máscara e assumiu um disfarce mais leve. Apanhou autocarros e elétricos numa rota tortuosa até ao ponto de encontro. Esteve atento à vigilância do KGB, mas não viu ninguém.

Tinha de encontrar o espião. Não podia fracassar.